

Nova Almeida com arte

Para repetir o sucesso do ano passado, o Festival de Verão de Nova Almeida precisa de patrocinadores

A216169

Fotos de Gildo Loyola

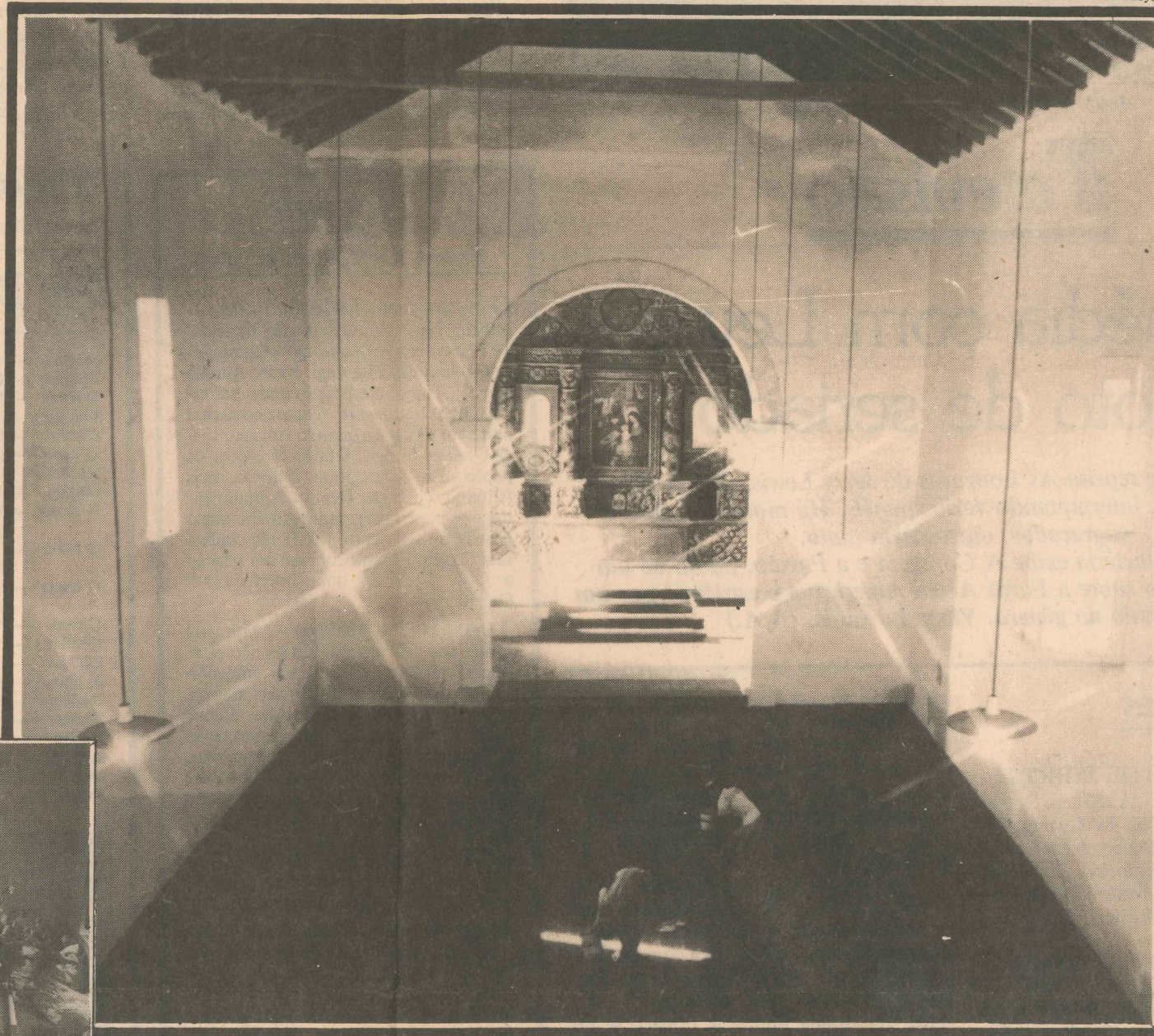
Chico Neto

Quando os jesuítas foram inquilinos da velha Nova Almeida, e lá se vai tempo, é de se duvidar que não tenham respirado por ali um certo ar de magia ou, na linguagem mais palpável, pelo menos propício ao livre fluir da manifestação alquímica e artística do ser humano. Quem participou, em janeiro deste ano, do I Festival de Verão de Nova Almeida, não vê a hora do próximo janeiro chegar para, no mesmo cenário anterior — a encantadora Igreja dos Reis Magos —, dar toda pilha à criatividade.

Estas e outras expectativas estão incluídas na agenda do professor de Escultura e vice-diretor do Centro de Artes da Ufes, José Carlos Villar de Araújo, que, a partir de uma resposta satisfatória de participantes e público do primeiro evento, está de olho no II Festival. Previsto para



Villar, do Centro de Artes e coordenador do Festival, pretende evitar que o evento cresça demais e fique dispersivo, o que também poderia ser motivado por sua realização em local mais movimentado, como Guarapari (no verão)



Construída pelos jesuítas há mais de 400 anos, a Igreja de Nova Almeida foi restaurada recentemente



Nova Almeida oferece um ambiente acolhedor e uma paisagem que inspira a criação artística. No ano passado, o Festival incluiu oficinas de tapeçaria, tecelagem, papel artesanal, pintura e joalheria, entre outras

Quando os jesuítas foram inquietos da velha Nova Almeida, e lá se vai tempo, é de se duvidar que não tenham respirado por ali um certo ar de magia ou, na linguagem mais palpável, pelo menos propício ao livre fluir da manifestação alquímica e artística do ser humano. Quem participou, em janeiro deste ano, do I Festival de Verão de Nova Almeida, não vê a hora do próximo janeiro chegar para, no mesmo cenário anterior — a encantadora Igreja dos Reis Magos —, dar toda pilha à criatividade.

Estas e outras expectativas estão incluídas na agenda do professor de Escultura e vice-diretor do Centro de Artes da Ufes, José Carlos Villar de Araújo, que, a partir de uma resposta satisfatória de participantes e público do primeiro evento, está de olho no II Festival. Previsto para



Villar, do Centro de Artes e coordenador do Festival, pretende evitar que o evento cresça demais e fique dispersivo, o que também poderia ser motivado por sua realização em local mais movimentado, como Guarapari (no verão)

acontecer de 15 a 30 de janeiro de 90, esse grande encontro artístico esbarra, de cara, com algumas dificuldades previsíveis, leia-se pouca verba e visibilidade prejudicada a divisar apoio, no horizonte de novas formas de apoio.

Até agora, por exemplo, sabe-se do comprometimento da Águia Branca, da Xerox, do Deares, da Prefeitura da Serra, da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, da Gráfica Espírito Santo, do DEC e da Rede Gazeta. Tais disponibilidades, ao mesmo tempo que demonstram simpatia por um evento de inegável contribuição sócio-cultural — porque permite o confronto de tendências artísticas e incentiva um intercâmbio bastante positivo de informações, inclusive extensivo à comunidade onde se realiza —, ainda não permitem que as atividades do festival se desenvolvam com a multiplicidade funcional que estão a exigir.

Além das oficinas já previstas e que foram coordenadas com sucesso

quando do I Festival — Tapeçaria, Tecelagem, Papel Artesanal, Pintura, Joalheira, Teatro, Materialidade da Pintura, Estamparia, Criação Tridimensional, Escultura, Desenho, Pintura e Reflexão e Gravura —, Villar pretende implantar as de Vídeo, Fotografia, Xilogravura e Objetos. Todas boas idéias que, evidentemente, precisam de incentivos financeiros para se concretizar.

Que a experiência foi positiva em todos os aspectos, podem muito bem antes os 150 participantes do I Festival. A criatividade exercitada abrangiu tanto alunos quanto elementos da própria comunidade, vivência que, a depender do apoio pleiteado, em 90 pode se dar ainda em maiores dimensões, mas sempre dentro das artes plásticas. “Muitas atividades de áreas diferentes tornam disperso um festival”, observa Villar, que não por acaso conhece bem a dinâmica dos famosos festivais de Inverno. “Há mesmo quem aconselhe que não se deixe crescer muito um festi-

val, justamente para não provocar dispersão”.

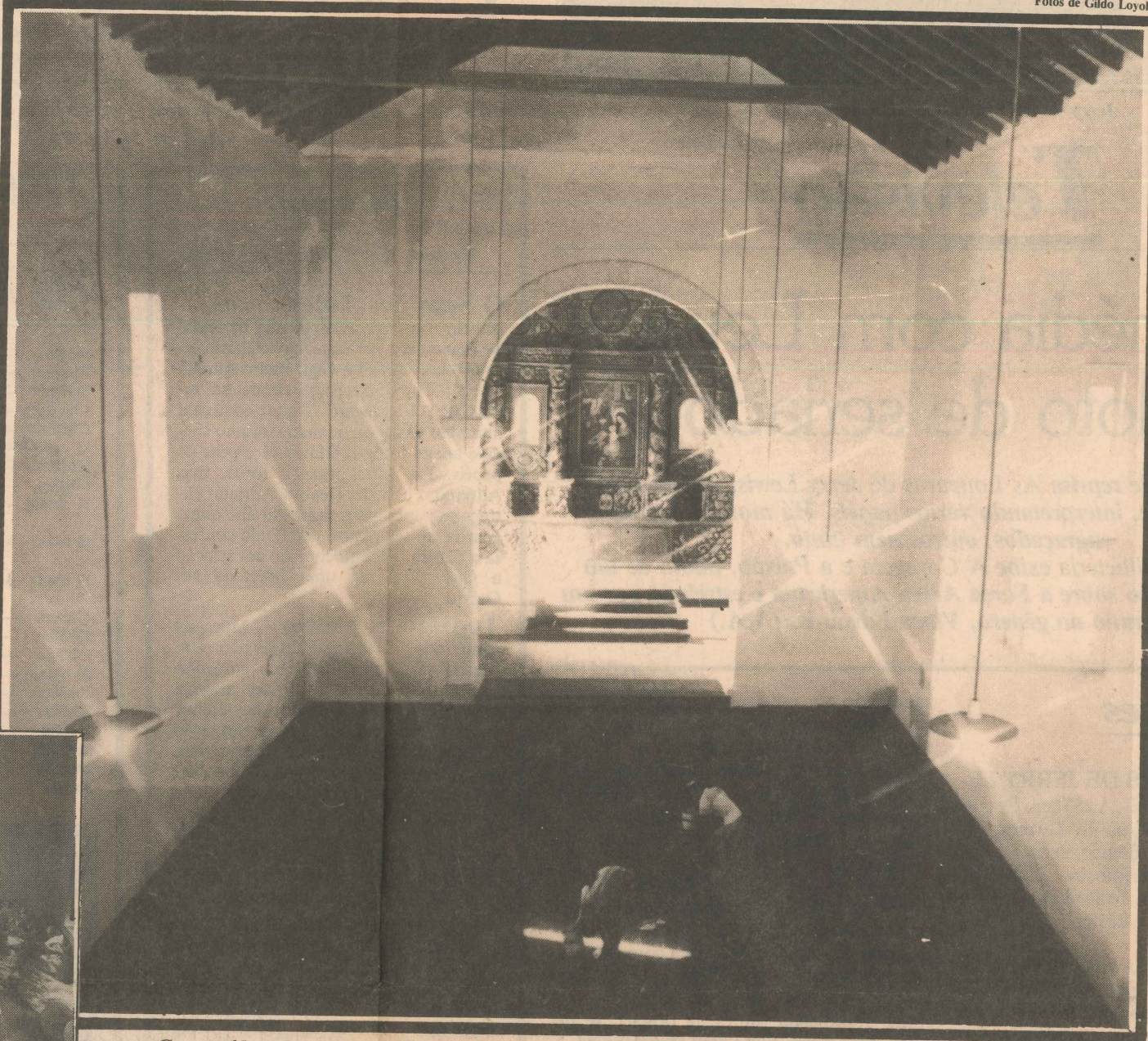
De tudo isso, o mais importante, ressalta ele, é mesmo a propriedade que o encontro possui de “quebrar o ranço da escola”. Para Villar, deve-se enfatizar a questão social da arte, situação que, na aprazível e espaçosa Nova Almeida, tem ambiente propício para se desenvolver. Seria bastante diferente, por exemplo, se o festival rolasse em Guarapari, lugar superaconchegante fora de estação e que, em veraneio, vem há anos se transformando num grande tumulto onde há filas e escassez em quase tudo que se pretenda fazer.

A razão para que um festival deste porte se dê no verão não é difícil de se imaginar: “Trata-se de um período muito ocioso na Grande Vitória”, acentua Villar, que propõe uma integração mais nutritiva entre nativos, turistas, estação e atividades do que a mera comunhão com sol, mar, camarão frito e cervejinha. No festi-

val deste ano, por exemplo, o concurso de esculturas na areia deu o maior ibope em Nova Almeida.

“Também não teria sentido fazer um Festival de Inverno aqui, tirando oportunidade de tanta gente participar do já consagrado evento que acontece em Minas”, lembra. Como o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) restaurou a Igreja dos Reis Magos justamente com o objetivo de que ali fosse atuada a produção cultural, tudo cai em cima.

Cartas jogadas, ele espera agora contar com os atrativos da Lei 7.505, de 2 de Julho de 86, também conhecida pelo nome de Lei Sarney. Nesse sentido, a coordenação do II Festival de Verão de Nova Almeida coloca-se à disposição de eventuais interessados para negociações, no próprio Centro de Artes da Ufes (fone 227.0798). Empresário, anote que o lucro é seu.



Construída pelos jesuítas há mais de 400 anos, a Igreja de Nova Almeida foi restaurada recentemente.



Nova Almeida oferece um ambiente acolhedor e uma paisagem que inspira a criação artística. No ano passado, o Festival incluiu oficinas de tapeçaria, tecelagem, papel artesanal, pintura e joalheria, entre outras